

O objeto em Freud: breves comentários

The object in Freud's theory: brief comments

Marcos Comaru*

Resumo: Esse artigo aborda o objeto na psicanálise, a partir das diferentes dimensões teorizadas por Freud ao longo de sua obra: objeto da pulsão, objeto do desejo e objeto do amor.

Palavras-chave: Objeto. Pulsão. Desejo. Amor.

Abstract: *This article tackles the object in psychoanalysis from many different perspectives theorized by Freud along his work: object of drive, object of desire and object of love.*

Key words: *Object. Drive. Desire. Love.*

* Psicanalista, doutor em Teoria psicanalítica pela UFRJ, professor convidado do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro e do Instituto Cultural Freud.

A especificidade do objeto em psicanálise é um tema instigante e central, passível de diversos recortes, sobretudo por nunca ter sido alvo de um texto específico por parte de Freud. Ela é abordada a partir de diferentes perspectivas em meio a outras discussões teórico-clínicas, o que representa um enorme desafio à clareza conceitual.

Nesse trabalho, tomarei como ponto de partida o modo como a problemática do objeto comparece na experiência clínica, na qual acolhemos os mais diversos sofrimentos subjetivos, em sua grande maioria, oriundos de impasses ocorridos nas relações do sujeito com seus objetos.

Com efeito, a psicanálise, desde sua origem, esteve às voltas com importantes entraves no campo do objeto. Na teoria da sedução, inicialmente formulada por Freud, já havia o apontamento da dimensão excessiva e traumática do objeto. As queixas e insatisfações, típicas da histeria, assinalavam a recorrência de algo fundamentalmente desconhecido no âmbito dos “encontros” objetais, sobretudo, naquele objeto, o pai, suposto garantir o amparo e a ordem.

A partir da escuta de infinitas queixas referidas aos objetos, ora denunciados como excessivos, ora como insuficientes, Freud, ao tratar da questão do objeto no âmbito da clínica psicanalítica, problematiza e relativiza a noção de “encontro”. Em sua teorização, a variabilidade e a contingência (FREUD, 1915, p. 143) são as características principais do objeto tanto no tocante ao desejo, quanto à pulsão. São nesses dois registros, por excelência, que a face inapreensível do objeto comparece explicitamente, exigindo muito trabalho psíquico do sujeito. Os impasses nessa elaboração redundam em inibições, sintomas e angústia, sobretudo, no campo da aproximação com o objeto.

Outra vertente do objeto, oposta à da pulsão e à do desejo, é aquela encontrada no registro do amor, justamente porque, no âmbito amoroso, certa estabilização da deriva estrutural do objeto é alcançada. No amor, o objeto se configura como “achado”, “encontrado”, “meu”: “meu amor”! Vale ressaltar que é somente no registro da escolha amorosa que Freud utiliza a expressão “eleição de objeto”. No eixo da pulsão e do desejo, ele sempre se refere ao objeto em termos de sua “contingência” ou de sua “fixação” (RABINOVICH, 2009, p.11).

A montagem amorosa, na sua inexorável relação com o narcisismo, apazigua a verdade traumática do objeto perdido, ao revesti-lo com representações idealizadas, possibilitando a crença de sua consistência, permanência e garantia. Não por acaso, os amantes têm tanto empuxo para dizer: “eu te amo”, bem como para perguntar: “você me ama?”. A experiência clínica revela o quanto o avesso dessas falas – a ruptura amorosa – tem consequências bastante desorga-

nizadoras para o sujeito. Freud (1925, p.167) chega a dizer que a perda do amor do objeto nas mulheres, produziria o mesmo impacto que a angústia de castração nos homens.

A falta que a quebra do amor escancara, ao desvelá-la, foi belamente metaforizada por Caetano Veloso nos seguintes versos: “um amor assim delicado, quando se torna mágoa é o avesso de um sentimento, **oceano sem água...**”.

Essa imagem de um oceano sem água, ou seja, esvaziado precisamente daquilo que o constitui, serve para representar o efeito traumático que a quebra de um laço amoroso pode instituir ao deixar o sujeito vazio daquilo que organiza e alimenta sua existência no plano narcísico, a saber: seus objetos de amor.

Foi partindo daquilo que no amor rateia, que Freud, pouco a pouco, foi tecendo suas formulações acerca do estatuto do objeto como perdido desde sempre. Com efeito, do ponto de vista da prática clínica, o objeto se faz presente, menos como objeto complementar do sujeito, e mais como objeto inatingível e contingente. Ao tratar do objeto, no âmbito da teoria das pulsões, Freud (1915, p.143) o situa como “aquilo em que e através de que a pulsão é capaz de atingir sua finalidade”, enfatizando que, originalmente, a pulsão não está ligada a nenhum objeto, sendo ele o que há de mais variável na pulsão. Com efeito, para Freud, a pulsação se alimenta, originariamente, da falta de um objeto adequado. Nas palavras de Freud, o objeto “originalmente, não está ligado a pulsão” (1915, p.143).

Tem-se aí a sutileza da expressão “relação de objeto” no texto freudiano, na qual o foco não está na “objetividade” do objeto – sua existência efetiva, material, passível de observação – e sim, na sua dimensão de veículo, de instrumento, de meio para a satisfação pulsional. Esse posicionamento do objeto como um veículo para que o sujeito possa encontrar satisfação confere à fantasia um lugar central na dinâmica psíquica. Afinal, é através de uma construção fantasástica que os apontamentos objetivos se constituem.

Quanto a essa questão, temos um bom exemplo no nosso cancionário popular, nas palavras de Rita Lee que afirma: “Meu bem você me dá água na boca, **vestindo fantasia**, tirando a roupa...”. De fato, no âmbito do encontro erótico, a retirada da roupa, sem o vestir da fantasia, culmina, não raro, em constrangimentos, avaliações e inibições oriundas de um contato com a carne não transmutada em objeto que dê “água na boca”.

É essa a razão porque entre as fantasias neuróticas as mais recorrentes sejam a “da cara metade”, a “da outra metade da laranja”, a “da alma gêmea”, em suma, a do “homem/mulher da minha vida”. Em todas essas variações sobre o

mesmo tema, descortina-se a sustentação fantasística da crença no “objeto complementar”, suposto elidir a secção inexorável entre o eu e o outro.

Essa antinomia estrutural, entre o objeto estabilizado do amor e os objetos contingentes da pulsão e do desejo, representa um grande desafio na esfera da vida amorosa conjugal. Cada casal precisará inventar uma forma particular de equacionar e gerenciar essa questão. Trata-se de uma verdadeira exigência de trabalho feita à mente, parafraseando a definição freudiana de pulsão.

Uma das formas mais típicas dessa antinomia comparecer na clínica é através das queixas recorrentes, da diminuição do apetite sexual entre os parceiros, responsável pelo espaçamento cada vez maior dos encontros sexuais do casal. De fato, a sexualidade, enraizada que é, no desejo e na pulsão, tem na secção sua causa desencadeadora. É no intervalo, na distância, na falta do objeto que a sexualidade se alimenta como empuxo a ficar junto, a “fazer um”, a “comer”/ “dar” para o outro.

A visada de, via a penetração, estabelecer uma comunhão com o objeto que elida a secção, recebe diferentes recobrimentos por meio das fantasias singulares de cada sujeito. Fato é que, quando a vertente do amor se configura de modo mais efetivo, os sujeitos tendem a trazer o objeto cada vez mais para perto, a não mais dele se distanciarem, aliás, passam a morar juntos, a conviver, as vidas se interpenetram, inaugurando com isso a vivência tão satisfatória da intimidade conjugal. É justo desse momento em diante que, não raro, a sexualidade começa a perder lugar entre certos casais, dando lugar a muitas interrogações e tentativas de reacender a “chama erótica” atenuada. Revela-se aí um dos entraves possíveis no âmbito da articulação objetal: a dimensão pulsional e a dimensão desejante contornarem a dimensão amorosa no tocante à eleição de objeto.

Não é por acaso que, nas raras ocasiões em que Freud utiliza a expressão “relação de objeto”, uma delas tenha sido justamente ao teorizar sobre a melancolia, na qual existe um fracasso na constituição do campo fantasístico. Na melancolia, temos um funcionamento psíquico sem véu, sem revestimento, sem montagem fantasística em que o sem sentido do mundo fica veementemente desvelado.

Freud (1917, p.279) chega a dizer que as afirmações do melancólico, na sua excessiva vidência, não estão erradas, o que está errado é o fato de serem ditas assim, dessa maneira, sem nenhum revestimento, sem nenhum manto de fantasia.

No tocante à perda desencadeadora da melancolia, Freud (1917, p. 277) chama atenção para o fato de que, muitas vezes, o paciente consegue ter

consciência da perda que originou sua melancolia, “apenas no sentido de que sabe **quem** ele perdeu, mas não **o que** perdeu nesse alguém”. Com essa diferenciação, Freud, mais uma vez, assinala que o objeto perdido é irreduzível a uma pessoa a quem se estava ligado, eis o estatuto enigmático do objeto em psicanálise.

A originalidade do objeto em psicanálise – perdido desde sempre – pode também ser abordada a partir das formulações freudianas acerca do desamparo originário, característico da espécie humana. Freud (1925, p.179) considera tal desamparo como o fator biológico presente na origem das neuroses. Nesse ponto, cabe muita cautela quanto ao entendimento dessa biologia humana, tal como apresentada no artigo “*Inibições, sintomas e ansiedades*”. Existe ali uma curiosa definição de biologia que, em oposição ao que, tradicionalmente, se enaltece na biologia dos demais mamíferos, destaca o desamparo e a dependência do objeto como a marca *princeps* da biologia humana.

No reino da biologia dos demais mamíferos existe um “saber” inscrito no corpo, inato, que assegura tudo o que é necessário para sua sobrevivência. Os comportamentos instintivos compõem-se como uma espécie de “saber” natural, radicalmente adaptativo.

Com relação a essa adaptação automática, a espécie humana, que se pensou por tanto tempo como a ponta extrema da criação, caracteriza-se por sua deficiência. Para ela, não há “saber” instintivo, nem para a sobrevivência e nem para a reprodução, trata-se antes de algo como uma “desnaturalização nativa”. Esta começa com a prematuridade do nascimento, inseparável do desamparo originário, marca central da biologia freudiana.

O ser humano nasce tão inacabado que sua sobrevivência e seu crescimento estão, durante um longo período, à mercê do objeto materno: *m’Other*. Devido a nossa biologia, marcada pelo desamparo e pela ausência de inscrições instintivas, estamos radicalmente condenados a um objeto cuidador. Para o ser humano, portanto, no lugar das orientações instintivas, existe o vínculo ao objeto como elemento constitutivo dos trilhamentos que funcionarão como bússola das trocas do sujeito com o mundo.

Daí, Freud (1925, p.179) afirmar que, devido à biologia humana, caracterizada pelo desamparo, o valor do objeto é enormemente aumentado, pois caberá a ele fornecer subsídios para o sujeito em sua constituição. Nesse mesmo parágrafo, Freud reitera que o fator biológico nos homens “estabelece as primeiras situações de perigo e cria a necessidade de ser amado que acompanhará a criança durante o resto de sua vida”.

O amor, em Freud, comparece como o destino inevitável do homem em sua condição biologicamente desamparada, entretanto, longe de situar no amor o caos absoluto, Freud reconhece no seu âmago as intempéries mais contundentes decorrentes do caos inexorável que a pulsão e o desejo impõem no tocante ao objeto.

Em todo encontro com o objeto amoroso, o sujeito reencontraria a face imprevisível do objeto, a Coisa – *das Ding* – que transmuta em parcial toda satisfação possível, indicando o impossível inerente à condição desejante.

Com efeito, a “realização do desejo” se situa em plena discordância com a adaptação e a estabilização do objeto adequado. De acordo com Freud, trata-se no desejo sempre de uma realização infrutífera, impossível. Tal impossibilidade é teorizada por Freud em sua “Interpretação dos sonhos”, de 1900, em termos da busca de uma “identidade de percepção” da experiência primária da satisfação.

A articulação entre o desejo e o impossível da Coisa, *das Ding*, por sua vez, é apresentada no Projeto de 1895, quando Freud descreve o registro que o *infans* constitui do objeto que executa os primeiros cuidados. Segundo Freud (1895, p. 348), o registro precoce do objeto se divide em dois componentes: 1º) os traços de memória passíveis de serem reconhecidos no campo perceptivo, que possibilitam a identificação do próximo (o objeto, aqui, ainda não tem o estatuto de um semelhante) e 2º) uma poderosa **impressão**, não passível de representação, não incorporável e nem assimilável psiquicamente, cuja estrutura **constante** permanece retida como uma Coisa (*das Ding*). Pois bem, para Freud, essa **impressão** sem correspondência no campo perceptivo, enquistada no seio do movimento desejante, é a responsável pelo caráter inexorável do desejo humano.

Revela-se aí a dimensão mais radical do objeto, em psicanálise, nomeada de A Coisa, *das Ding*. Nela, para além do objeto satisfatório ou hostil, descortina-se a opacidade nuclear do objeto, irreduzível aos objetos predicáveis do campo da representação fantasmática.

Para concluir, essas breves pontuações acerca da especificidade do objeto no argumento freudiano, lançarei mão das palavras de Pessoa, na pena de Alberto Caeiro, que indicam, com precisão, a natureza radicalmente inconsciente do obscuro objeto do desejo: “porque quem ama nunca sabe o que ama. Nem sabe porque ama, nem o que é amar. Amar é a eterna inocência. E a única inocência é não pensar”.

Marcos Comaru
macal@uol.com.br

Referências

FREUD, Sigmund (1950 {1895}). *Projeto para uma psicologia científica*. Rio de Janeiro: Imago, 1987. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 1).

_____. (1900). *A interpretação dos sonhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1972. (ESB,5).

_____. (1915). *Os instintos e suas vicissitudes*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. (ESB,14).

_____. (1917). *Luto e melancolia*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. (ESB,14).

_____. (1925). *Inibições, sintomas e ansiedade*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. (ESB, 20).

RABINOVICH, Diana. *O conceito de objeto na teoria psicanalítica*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2009.